



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria. Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria. Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

daquele que verdadeiramente a estima. Simplesmente seria para desejar que em vez de utilizar essa afectuosa diplomacia feminina, para conseguir futilidades, satisfazer caprichos ou provocar piegas demonstrações de amor, a empregasse sensatamente em conseguir limar defeitos, que porventura existam no carácter do seu noivo, em levá-lo suavemente a aproximar-se dum conhecimento cada vez mais perfeito e real de Deus e da Sua doutrina.

Mas, para conseguir um tal resultado, para adquirir um tal ascendente sobre o seu noivo, a rapariga procurará ter sempre, em todos os actos da sua vida, uma conduta irrepreensível, cultivar a sua inteligência, e as suas boas qualidades, corrigir os defeitos do próprio carácter, adquirir são conhecimentos que a coloquem ao mesmo nível intelectual, ser intransigente e firme em assuntos em que a moral ou a fé estejam em perigo.

Preparando o Futuro

Tempo de noivado, tempo de sonhos, de quimeras e de românticos projectos que muitas vezes a realidade prosaica da vida desfaz como bolas de sabão! Tempo de noivado é ainda para muitas raparigas unicamente o tempo indispensável, antes do casamento, para a confecção do enxoval e para uma troca de conversas mais intimas em que muitas vezes não há bom senso nem elevação.

Ora este tempo, realmente necessário e precioso, deve ser orientado com o fim nobre dum sincero e recíproco conhecimento daqueles que em breve o Senhor abençoará e unirá para sempre, com o fim do seu aperfeiçoamento mútuo.

Quando um affecto sincero e profundo prende um rapaz à sua noiva, facilmente é aceita as sugestões sensatas que dela lhe vêm, de boamente se deixa influenciar por aquela em quem deposita toda a confiança e lhe inspira simpatia, ternura e respeito. Cónscia disto, a rapariga, que tenha uma clara noção do seu dever, do papel importante e decisivo que pode desempenhar, deve aproveitar bem o tempo do seu noivado, deve aproveitar todas as ocasiões para fazer todo o bem possível àquele que dentro em pouco será o seu companheiro de sempre, o companheiro de todos os momentos felizes ou amargurados da sua vida futura. Trabalhará assim, em seu próprio proveito e em prol dos pequeninos seres que porventura o Senhor confiar ao seu lar.

Seria bem inoportuno pretender ensinar aqui a maneira como a rapariga deve proceder para atingir esse fim pois essa ciência é inata a todo o coração feminino. Toda a rapariga, sem ter previamente aprendido, sabe persuadir, convencer e conseguir tudo o que deseja

Deve levá-lo a seleccionar bem os seus amigos fazendo-lhe compreender quanto a desgosta se andar em más companhias cuja influência o pode desviar dum proceder honesto, ou cujas ideias erróneas possam infiltrar-se no seu espirito. Deve sondar a sua maneira de ver e de pensar sobre assuntos importantes da vida e, se a sua opinião não for justa e recta procurará cuidadosamente modificar-lha. Uma conversa sábiamente orientada, um livro que se empresta ou oferece podem bem ser um veículo da luz que previamente e fervorosamente pedirá a N. Senhor.

por MOSS

mas ser indulgente e condescendente naquilo que não brigue com a sua dignidade. Precisa sobretudo de possuir uma piedade esclarecida e irradiante, piedade alimentada na frequência dos Sacramentos onde encontrará a graça, a luz e a força para vencer todas as dificuldades, e que lhe darão o encanto inconfundível da virtude, encanto que os anos, não levam, encanto que tornará cada vez mais forte a união dos seus corações.

A Peregrinação DE MARÇO, 13

Em contraste com os dois dias imediatamente anteriores que foram de chuva persistente, o dia 13 de Março teve a iluminação um lindo sol de primavera num céu aliás atravessado de vez em quando por farrapos de nuvens.

O concurso de fiéis atingiu um número elevado, bastante superior ao do dia 13 de cada um dos dois primeiros meses do ano corrente, sendo digna de nota a circunstância de ser maior a proporção de homens.

Por esse motivo, os sacerdotes que ocupavam os confessionários na igreja da Penitenciaria não tiveram um momento de descanso, atendendo-os no tribunal da Penitência na tarde do dia 12, durante toda a noite de 12 para 13 e desde a manhã até quasi ao pôr do sol do dia 13.

De-certo a maior parte deles aproveitaram o ensejo da sua ida à Fátima, em romagem de devo-

ção a Nossa Senhora, para cumprir o duplo preceito da confissão anual e da comunhão pascal.

A hora costumada, a multidão rezou o terço do Rosário em frente da capela das aparições, tendo presidido a esse acto de piedade, como quasi sempre, o rev. dr. Marques dos Santos.

Seguiu-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que foi conduzida aos ombros dos servitas para junto do altar do pavilhão dos doentes.

Terminada a procissão, celebrou a Missa oficial, que foi cantada em cumprimento dum voto, o rev. P. Manuel da Fonseca e Sousa, pároco de Pataias.

Ao Evangelho, subiu ao púlpito o rev. P. Francisco Carreira Poças, pároco de S. Pedro de Porto de Mós, que tomou para tema da sua alocução o ramo «Saúde dos enfermos» da Ladainha Lauretana.

Eram ao todo 21 os doentes inscritos no registo do Posto das verificações médicas que, no fim do Santo Sacrifício receberam, individualmente, a bênção da Santíssimo Sacramento.

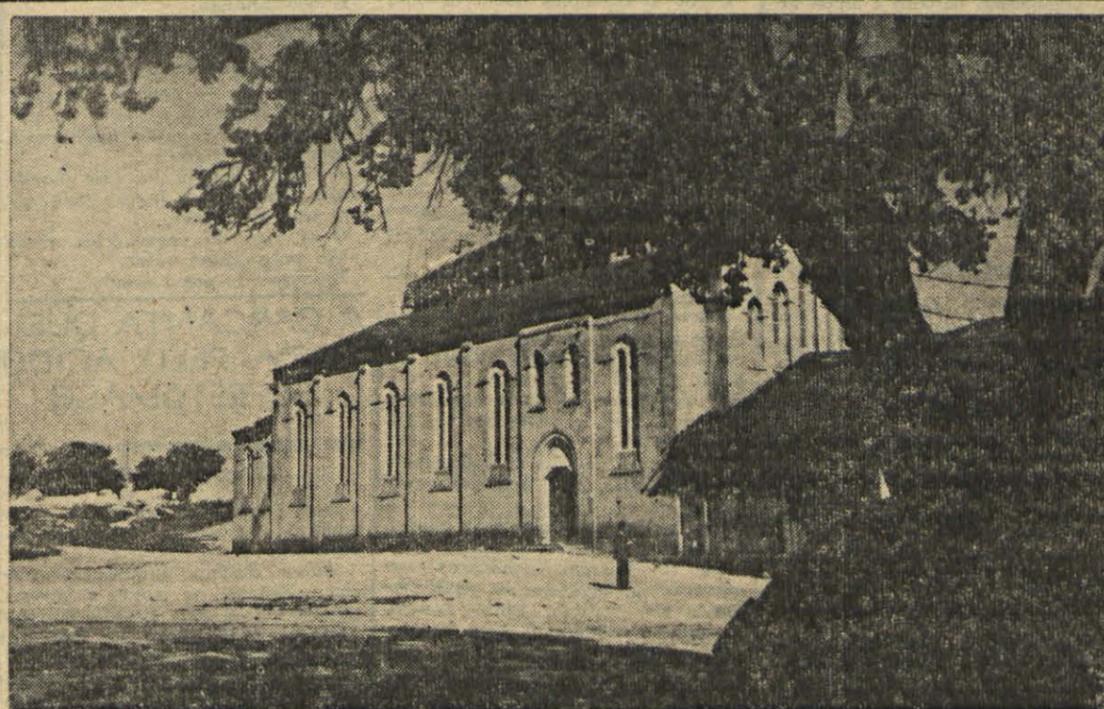
Realizada a última procissão, os actos religiosos colectivos concluíram, na forma do costume, com o canto do «Adeus» e a consagração dos peregrinos à Santíssima Virgem.

Na véspera tinham visitado o Santuário os briosos alunos da 7.ª classe do Colégio Militar, em número de cerca de setenta, que, instalados em três camionetas, andavam a fazer a sua excursão anual de estudo.

Acompanhavam-nos alguns dos seus professores.

Com eles foi também o rev. Cónego Governó, da Sé Patriarcal de Lisboa, que celebrou, já depois do meio-dia, o Santo Sacrifício da Missa a que assistiram os alunos que em seguida prosseguiram a sua viagem.

Visconde de Montelo



«A igreja em construção do Santuário de Nossa Senhora da Fátima»

HUMILDE PREITO DE AMOR FILIAL

Não o conta o Evangelho nem nenhum dos Livros Santos mas é crença geral que a primeira aparição de Jesus, após a Sua gloriosa ressurreição foi de-certo a sua Mãe Maria Santíssima.

Devia ser assim. Exigia-o o seu amor de filho como não houve nunca outro igual.

Era justo que as primícias da alegria pertencessem a quem tinha sido a primeira na dor.

Portugal vai neste ano celebrar os centenários da sua fundação e restauração num ambiente tal que bem se pode chamar ao Portugal de hoje um Portugal Novo.

Esse remoçar da nossa vèlha pátria é obra da Fátima cujas aparições e intenso movimento de piedade enxertaram ao corpo moribundo de Portugal alento de vida nova.

Nossa Senhora da Fátima salvou Portugal. É justo que Portugal ressuscitado agradeça a Maria Santíssima.

Homenagem que perdure no coração e no lar dos seus filhos.

Homenagem que os de hoje leguem aos Portugueses de amanhã.

Para isso, sem delongas cada lar adquira uma imagem ou estampa de Nossa Senhora da Fátima. O Santuário fez uma edição de 200.000. Depois cada família com o cerimonial publicado no número de Janeiro da «Voz da Fátima» colocará a estampa ou imagem em lugar de honra e consagrar-se-á a Nossa Senhora.

A lição de Portugal

O comunismo torpe e feroz desceu como os abutres, sobre a Polónia, já santificada pelo martírio, para o mesquinho banquete dos despojos; alastra, qual pódoa viscosa até ao Centro, violenta cobardemente o Norte e ameaça o Sul da Europa. Larga porta foi aberta para o Ocidente a esse inimigo traiçoeiro expulso com o sacrificio de tanto sangue!

Contra este flagelo batalhou-se na Espanha com heroísmo e paixão. Milhares de corações deixaram de pulsar; supplicios medonhos acabrunharam famílias sem conto; profanações ignóbeis e barbaridades incríveis atestaram a costumada infâmia e a perpetua crueldade dos processos do sovietismo-atéu. A Espanha, cristã e latina, num titânico esforço, repeliu o nojento pesadelo.

Outras Nações vieram alinhar na Península afirmando-se possuídas das mesmas intenções... exterminar o comunismo.

Reinava nessa hora singular confusão: para os vermelhos vinha nefasta ajuda, moral e material; de correligionários, filhos abastardados de nações cristãs, enquanto o neo-paganismo partilhava a nobre luta dos defensores da Boa-Causa. Se viamos indignados o auxilio prestado aos ateus por verdadeiros traidores ás suas Pátrias e á sua Civilização, era com desconfiança que os Católicos (já esclarecidos pela Igreja que condenara o Bolchevismo e o Racismo) devíamos ver na Espanha — erguida ao grito de Viva Cristo Rei! — a cooperação do nazismo rebelde ás diretrizes católicas.

O tempo passou. Sem ser possível evitá-la, a guerra aproximava-se, e as Nações do Ocidente tentaram ainda aliar a si o seu maior inimigo: o Sovietismo!

Então, certos extremos, só aparentemente distantes, acabaram por tocar-se com bastante lógica até... E a confusão dissipou-se... mas por que preço, Santo Deus! São sempre muito caros os grandes e benéficos resgates... E, então, devemos confiar, pois que, como sempre, para contrabalançar a tanta angústia surgem «motivos de esperança» e Deus começa a escrever direito pelas suas velhas linhas tortas...

Eis que á luz terrível do fogo dos canhões, ante a dupla avançada do mal, os homens são forçados a ver o caminho e a conhecer a verdade, há tanto tempo apontados pela Igreja. Já sobre os exércitos do Ocidente se que o livro da Civilização Cristã, e entrevê-se nas pregas dessa bandeira o lema impulsor dum «Guerra Santa». As Nações que, cegas por falsa noção de liberdade, concederam iguais direitos ao Bem e ao Mal, e peccaram, consentindo no seu seio a vibração do comunismo, apressam-se agora a repudiá-lo e a esmagá-lo, em fim convencidas de que ele só lhes oferece frutos de traição e morte!

Algumas dessas, das mais responsáveis! — estão na 1.ª linha... é o resgate que principia. A lição é dura. Mas, hoje, as nações livres, filhas da Civilização Cristã, sabem de onde vêm os perigos que as ameaçam.

Algumas choram a perda da sua independência e dos seus direitos religiosos e civis, sob o jugo de doutrinas erróneas, que geram a violência. A Espanha experimentou já o horror da dominação soviética e nós e a Itália, vimo-lo! Só trairdo, qualquer de nós, pode esquecer o sangue derramado e deixar de lutar contra o inimigo comum... esteja ele com quem estiver. Assim, a Espanha não pode deixar de ser solidária com a sua irmã, a católica Polónia, crucificada entre dois maus ladrões e sequestrada hoje sob o neo-paganismo e o comunismo, esse flagelo que a Espanha achou justo e legítimo arrojara de si a ferro e fogo, inexoravelmente! O que não serviu ontem para ela, continua, e pelas mesmas razões, a não dever servir, hoje para os outros.

Pois não foi a Fé católica a armadura que couraçou o peito dos nacionalistas e não foi o amor da sua independência a chama que galvanizou o coração dos seus heróis? Também lá longe a Fé quer reviver livre on-

de bem se sabe que o não é, e a mesma liberdade perdida clama justiça.

A Itália não esquecerá os seus mortos da Península.

Com a decidida ajuda moral do Catolicismo, ela prepara-se para lhes ser fiel, o que constitui um dos melhores «motivos de esperança» que se levantam no horizonte sombrio.

Quanto a Portugal, logo na 1.ª hora, sem hesitação, tomou a sua inconfundível posição, que hoje brilha com um fulgor singular...

Nesta hora, podemos ter orgulho de havermos sido a tempo fielmente cristãos ciosamente portugueses e civilizados, para, na devida altura, livrarmos a Nação dessa doutrina traiçoeira e vil que, mascarada grossieiramente de pacífica e altruista, ia minando a Paz.

Portugal viu o Sovietismo tirar o disfarce e não se admirou, antes pôde sorrir superiormente do pânico alheio. Nós sabíamos que ele é a própria impiedade e portanto o crime, a mentira e a barbárie; sabíamos que, onde essa peste se infiltrar logo perturba a ordem, elimina o patriotismo e o brio, extingue todos os sentimentos que geram ideias superiores, enlameia o amor, e arruína um Povo.

Hoje podemos dar a nossa lição ao mundo, que só agora repele o comunismo, e dizer-lhe: é mais inteligente e útil ao bem-comum, prevenir a Paz do que remediar na guerra!

O Comunismo é anti-nacional. Nós sabíamos que, se o consentíssemos, corríamos o risco de sossobrar com a nossa Independência e todas as nossas virtudes e direitos, oito vezes seculares.

O comunismo é anti-religioso. Se lho permitissem feriria de morte o Cristianismo e com ele tudo o que, no passado e no presente, deu e dá impulso, firmeza, altura e fecundidade á Civilização.

O comunismo bárbaro é ainda anti-europeu. Se o não-escorraçarem escravizará a Europa, diminuindo a moral, intelectual e materialmente e «quando a Europa se diminui é já menor o mundo», disse Salazar.

Maria das Flores

MULHER QUE ERA UMA SENSITIVA

Poz-se boa com Kruschen

Uma mulher de Lavacôlhos, de 31 anos, ainda há pouco tempo parecia uma velha de 100. Estava sempre acabrunhada, exausta, sem gosto pela vida, pois era uma verdadeira sensitiva. Não podia fazer fôsse o que fôsse e estava sempre cansada. Um dia, um médico disse-lhe que era tudo devido ao nervoso.

Começou a tomar Kruschen e principiou a sentir-se melhor, tornando-se, bem depressa, um novo ser cheio de vida, e de boa disposição. O trabalho parece-lhe hoje coisa fácil e agradável, pois sente-se cheia de energia.

A pequena dose diária de Kruschen acaba com a fadiga e o acabrunhamento, pois restaura os órgãos de eliminação fornecendo-lhes o auxilio diário, de que carecem, para o bom desempenho das suas funções. Kruschen limpa e revigora o sangue que, circulando por todo o organismo, lhe dá forças e energia. Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias.

MISSAS

com vinho ordinário? Não. Vinho óptimo, tipo comum e doce vende-o

António de Oliveira

ALDEIA NOVA — NORTE

Para a Consagração das famílias a Nossa Senhora da Fátima vende o Santuário da Fátima formosíssimas gravuras de Nossa Senhora a 5\$00 e mais pequenas a 2\$50 ambas em cartolina, próprias para emmoldurar.

Pedidos à Gráfica — Leiria ou ao Santuário da Fátima.

BAIXEZAS DO NOSSO TEMPO

POBRES FILHOS...

por A. L.

Pobres filhos... porquê? — Porque há tantos pais que os não querem e evitam, como se fôsem uma praga, ou uma maldição? Porque mãis desnaturadas e assassinas entregam à morte o fruto do seu ventre que muito deviam amar e estremecer, e ficam de consciência sossegada e tranqüila, só porque não ouviram choros nem gemidos?

— Sim, pobres destes, que, vítimas dum horrível crime, não chegaram a ver a luz da existência... Os inocentinhos do termo de Belém, mortos pela crueldade de Herodes, no regaço de suas mãis, não merecem maior dó e compaixão.

Mas pobres e infelizes também de muitos que nascem e para quem humanamente falando — o morrer á nascença seria melhor, mil vezes melhor.

Ele há tanta gente que trata mal os seus filhinhos... Tanta gente que os despreza e abandona, deixando-os, muitas vezes, morrer á mingua e á fome...

Tantas mãis que, podendo mas não querendo sujeitar-se aos incómodos de amamentação, atiram com os seus meninos para os peitos dum ama, sem se importarem de saber quem é, que doenças e vícios tem — pois é certo que tanto estes como aquelas ficarão a exercer na criança, pela vida fora, a mais perniciosas das influências...

Tantos pais que querem mais a cães e gatos que ao fruto das suas entranhas... Tantas «senhoras» que vemos por aí com o seu cãozinho ao colo e os filhinhos pequeninos (aquelas que os têm...) a arrastarem-se com dificuldade, agarrados á saia da mãi...

Como anda pervertido o nobre e elevado sentimento da maternidade!

Casos e exemplos quem os não conhece, ás dúzias por aí?

* * *

Pobres filhos... e pobre humanidade, também, que tanto se avilta e rebaixa e tanto se deixa escravizar por tantas «criaturinhas» — ela a rainha da criação! E bem certo que o homem se torna tanto mais escravo das criaturas, quanto mais se afasta de Deus.

Não acreditam? — As provas são muitas e convincentes.

Quem, por exemplo, não ouviu ainda falar do «cemitério» dos cães, em Lisboa? ó suprema loucura do nosso século!

O que ali se vê de vergonhoso e aviltante para a pobre família humana...

Sepulturas de cães cuidadosamente arranjadas, com mármore preciosos, grades de ferro, pedras trabalhadas, grandes blocos de cimento, tudo muito rico e muito caro.

Se lá existem sepulturas que custaram a bagatela de nove contos... Em muitas, flores frescas, mudadas amiúde e noutras, á cabeceira, retratos do «defunto» ricamente emmoldurados.

Em que os homens gastam o seu dinheiro!

E não quererão estes senhores que, em face dos seus esbanjamentos estúpidos e animalescos, haja revoltados a quem, porventura, alçunharão de comunistas...

E as inscrições funerárias que lá existem? — Que vergonha, santo Deus!

Alguns exemplos, para os leitores poderem avaliar:

«A minha querida «Ginette» — o último beijo cheio de amor e saudade da dona que nunca te esqueceu».

Uma em verso:

«Belkiss — strenamente
Repousa aqui neste chão
Que seja o teu coração
Inveja de muita gentes».

Os leitores que agradeçam ao autor ou autora tão belo elogio...

Mais outra:

«A Nana — morreste levando a minha alegria. Eterna saudade da tua dona».

Outra finalmente:

«Ao meu querido «Lulu» um eterno beijo».

A emparelhar com a estupidez e baixeza repugnante destas inscrições, só o ridículo das cenas que, de vez em quando, ali se passam.

Um dos empregados do «cemitério» contava, há tempos, no enviado dum jornal:

«Duma vez, chegaram aqui duas criadas com um cão morto, numa urna muito rica. A patroa já havia mandado abrir a cova. Enterámos-lo. E as criadas num alívio: Vai-te meu... que já devias ter morrido há mais tempo.

— Porquê?

— Porque a patroa manda-nos, todos os dias, buscar carne limpa para o cão, e para nós era carapau toda a semana».

Contou ainda o mesmo empregado:

«Vieram duas «senhoras da alta» e três cavalheiros ainda novos trazer o «entéro» num automóvel. Quando se enterrou o cão, entraram «elas» numa choradeira que todos nós ficámos «vergonhados».

E continuando:

«Assim que chega um «caixão», enquanto elas choram; trata-se logo de ver o que lá vem dentro.

Sendo cão, arruma-se cal para cima e enterra-se».

— Sendo cão? então que queria vocecê que fôsse...

— Sei lá. Ele há por esse mundo tanta gente que quer mais aos cães que aos filhos...

O coveiro do «cemitério» tinha razão para assim falar.

Baixezas do nosso tempo...

A GARGANTA QUEIMADA PELO ÁCIDO DO ESTÔMAGO

Um novo tratamento que acaba com a azia

Era horrível o sofrimento desta mulher, mas acabou de uma forma feliz.

Sofreu durante muitos anos de azia. Passava as noites a passear, deitando água pela boca e sentindo horríveis queimaduras no esôfago e na garganta. Tomou pós estomacais, comprimidos e drogas várias, mas tudo foi em vão. Um dia resolveu-se a experimentar as Pastilhas Digestivas Rennie e, com grande surpresa, verificou que lhe faziam um bem imenso. Bem depressa pôde voltar a comer o que anteriormente lhe causava a maldita azia. Hoje já come de tudo, sem restrições e sente-se feliz.

As Pastilhas Digestivas Rennie, fizeram com que esta mulher acabasse com os tormentos que lhe produziam os ácidos do estômago, por que contém anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem os gases do estômago e, fermentos que auxiliam a digestão. As Pastilhas Rennie dissolvem-se na boca. Os seus componentes entram em acção imediatamente, pois chegam ao estômago sem perdas de actividade, pela sua diluição na água.

Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estômago em 5 minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100.

As penas

— Que lição estarás tu tirando dumas penas de galinha que o vento leva?

— Uma grande lição!

— Faça ideia! Estás pensando na bela canja que ela deu!

— Nada disso. Estou pensando na lição que deu um santo, com penas de galinha!

— Uma lição de um santo, com penas de galinha?! A lição deve ser apetitosa como a canja! Conta lá.

— Foi uma lição... sobre a má língua!

— Melhor! É o que mais há por esse mundo é má língua!

— E por ser um pecado muito vulgar poucos pensam na sua gravidade.

— Bem; conta lá a história das penas de galinha.

— Quem deu a lição foi S. Filipe Neri... Um dia foi confessar-se no santo uma mulher, e entre outros recados confessou que falava mal do próximo... O santo ouviu, ouviu e no fim, com grande espanto da mulher, deu-lhe por penitência que fôsse para casa, matasse uma galinha e a depenasse...

— E que a comesse, não?

— Espera. Isso não o diz a história. O que o santo lhe recomendou foi que pegasse nas penas, num dia de vento, e fôsse pela cidade deixando algumas penas pelas ruas...

— Que penitência tão patúscua. E não vejo, aonde o santo queria chegar!

— Já vais ver. Recomendou-lhe mais o santo que depois voltasse pelos mesmos sítios a recolher as penas...

— Não havia de ser fácil... se era em dia de vento!

— Foi o que a mulher fez notar ao santo. E este deu-lhe então a lição, em que eu estava pensando nessas penas que há pouco o vento levava... Disse-lhe que as palavras de murmuração, de maledicência, que soltamos da boca, são como ás penas que o vento leva, que já se não podem recolher, não se sabe aonde vão parar. Com esta diferença...

— Já sei! É que as penas nenhum mal fazem...

— Precisamente: e as más palavras não se sabe o mal que podem fazer ao próximo...

— Cá me fica a lição, que faz á alma um bem maior que a canja ao corpo...



O ECZEMA QUE NOS ENLOUQUECE é sob a pele que se mata, porque é sob a pele e não á superfície, que se encontram os germens que lhe dão origem.

O remédio inglês D. D. D. não se contenta em aliviar o mal, elimina-o. Penetrando profundamente nos poros, atinge e mata os micróbios geradores do Eczema, Dartros, Herpes, Borbulhas, Comichões, etc.. Nenhuma afecção da pele resiste a algumas aplicações do remédio inglês D. D. D.

Representante e Depositário:

António Madureira

Rua Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141 — Porto

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

NO CONTINENTE

D. Maria Isabel Mesquita Taborda — Aldeia Nova do Cabo — Fundão, diz: — «Surpreendida pela gravidade dum tumor no intestino grosso, tive durante longo tempo cuidadosa e inteligente assistência médica sem contudo experimentar as melhores desfeitas. As dores eram cada vez mais insuportáveis e as dejeções tornavam-se impossíveis devido ao aumento contínuo e progressivo do tumor. Por conselho do médico, era urgente recolher ao Hospital.

Depois de examinada por um abalizado especialista em Lisboa, foi-me recomendada como necessária uma operação cirúrgica, bastante dolorosa e perigosa devido ao meu estado grave. Com uma fé inquebrantável, depois da terrível sentença do médico especialista, toda a família e pessoas de estima se lançaram com fervor e confiança aos pés de N.ª S.ª da Fátima implorando de sua grande bondade a graça da minha cura. A misericórdia permitiu pelo seu infinito amor que a cura se operasse. Contra toda a expectativa, a doente suportou a operação com relativa facilidade, e perante os olhos maravilhados da cirurgia suportou com resignação heróica os horrores dos tremendos curativos até à franca convalescença».

D. Celestina do Carmo Pacheco Moreira — Viana do Castelo, agradece a N.ª S.ª da Fátima o favor de três graças concedidas a seu marido, a sua filha, e a si própria.

D. Albina Rodrigues Ramos — Viana do Castelo, deseja agradecer a concessão de uma graça particular que implorou e obteve por intercessão de N.ª S.ª da Fátima.

D. Maria Delfina Calheiros — Orjaís, reconhecida a N.ª S.ª da Fátima por graças concedidas a diversos membros de sua família, deseja manifestar aqui o seu público agradecimento por tais favores.

Miguel dos Santos — Faro, diz o seguinte: — Encontrando-me há largo tempo lutando numas circunstâncias bastante críticas, tendo recorrido inútilmente a todos os meios humanos, lembrei-me de recorrer à maternal compaixão da Misericórdiosa Senhora da Fátima para que melhorasse a minha situação. Como o esperava, Nossa Senhora dignou-se compadecer-se de mim! Como prova do meu profundo reconhecimento prometi publicar este favor no jornalzinho «Voz da Fátima», o que hoje gostosamente venho fazer».

D. Maria da Costa Vieira — Póvoa de Varzim, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça obtida por sua intercessão.

D. Maria Evangelina de Azevedo Carvalho — S. Tiago da Cruz — Famalicão, conforme prometeu a N.ª S.ª pede a publicação do seu profundo agradecimento pelas melhoras que obteve numa pertinaz doença de fígado, após uma novena à «Imaculada Mãe do Céu».

D. Ana Soares — Gulpilhares, pede aqui seja publicado o seu agradecimento a N.ª S.ª da Fátima por lhe ter obtido do Céu uma graça particular que muito a alegrou.

D. Helena Mendes Marques Guimarães — Lisboa, profundamente reconhecida a N.ª S.ª da Fátima por lhe ter libertado uma pessoa de família do terrível vício da embriaguez alcoólica, deseja agradecer aqui tão grande favor.

D. Amália Lourdes da Rocha Baptista — Ribeiradio, diz: — «Achando-se grávida uma minha irmã, depois de radiografada e examinada por um especialista em Coimbra, foi constatado que a criança se encontrava em má posição tendo também a bacca um pouco defeituosa, pelo

que o médico lhe disse que, certamente, só poderia ter a criança mediante uma operação cirúrgica. Aflição, recorri com o fervor possível à Virgem Nossa Senhora da Fátima fazendo-lhe algumas promessas. Apesar de todas as probabilidades do contrário, graças à Mãe do Céu, a minha irmã teve um parto felicíssimo e normal, favor este tão grande que não mais poderá ser esquecido nem assaz agradecido...»

Augusto Marques Pereira — Valmaior, diz que, mediante uma novena feita em honra de Nossa Senhora da Fátima, lhe fôra concedida uma graça importante com a promessa de fazer aqui a publicação de tal favor, o que hoje vem fazer como prometia.

D. Maria Cândida Pinto Carneiro — Pôrto, agradece à Santíssima Virgem uma graça que prometeu publicar.

D. Ermelinda Pinto Gomes Costa — Chaves, agradece a N.ª S.ª da Fátima o tê-la curado duma doença que inspirava sérios cuidados receando-se que viesse a ser fatal.

D. Ana Guimarães — Pôrto, deseja publicar aqui o seu agradecimento pela cura de D. Alice Macedo Guimarães que se encontrava gravemente doente e por cuja cura muito se interessava.

D. Felismina de Jesus Lebre — Covilhã, agradece a N.ª S.ª da Fátima a singular graça que lhe fêz de a curar completamente da *Tuberculose Óssea* numa perna, sentenciada a ser cortada, diziam os médicos, como já em tempos lhe fôra amputado um braço pelo mesmo motivo.

Aflita e muito apouquetada recorreu a N.ª S.ª da Fátima com toda a fé e confiança, em transe tão angustioso, e prometeu ir em peregrinação à Fátima, se Nossa Senhora a curasse.

A Santíssima Virgem dignou-se curá-la por completo. Em acção de graças por tão assinalada mercê já foi à Fátima agradecer pessoalmente o que hoje vem fazer em público por meio da «Voz da Fátima».

D. Alcina do Carmo Correia Nogueira — Matosinhos, deseja agradecer a Nossa Senhora a força que lhe concedeu e a bênção que dispensou numa operação melindrosa a que teve de sujeitar-se. Contra a opinião dos próprios médicos, diz, tudo correu extraordinariamente bem no momento da operação e nos dias que se lhe seguiram.

NA MADEIRA

D. Maria Adelaide Sequeira e Silva, — Madeira, diz o seguinte: — «O meu filho Leonel, estudante na faculdade de Direito, em Lisboa, adoeceu por motivo dum grave desgosto. O mal foi-se agravando a ponto de lhe fazer perder por completo o juízo. Foi internado na Casa de Saúde do Trapiche, dirigida pelos irmãos de S. João de Deus.

Tão grave doença causou-me imensos desgostos. No auge da minha dor dirigi-me ao Céu a pedir o que os médicos da terra não podiam dar, — a cura do meu querido filho. Dirigi-me duma maneira especial ao Beato Nuno de S. Maria e a Nossa Senhora. Soube que estava a começar na igreja do Carmo a Novena do Beato Nuno e resolvi logo, cheia de esperança, ir assistir a ela pedindo ao Céu a cura tão desejada para o meu filho. Graças a Deus, o pobre doente começou logo a sentir grandes melhoras, e semanas depois voltou para minha casa completamente curado e bem disposto. Retomou já as suas aulas que vai levando como antes da sua doença, graças aos celestes protectores que se dignaram valer-me em tão triste ocasião».

D. Maria B. de Azevedo — Madeira, tendo obtido uma graça por intercessão de N.ª S.ª da Fátima, vem publicamente, como prometeu, manifestar o seu agradecimento pelo favor recebido.

NOS AÇORES

D. Alcina do Nascimento Costa — Angra do Heroísmo, agradece a N.ª S.ª da Fátima duas graças que alcançou em favor de seu marido.

D. Maria de La Salette Sousa — Angra, vem por este meio cumprir o voto que fez à Santíssima Virgem agradecendo a cura de seu padrinho prestes a expirar. A água do Santuário da Fátima e a promessa de publicar a graça no seu jornal foram os únicos remédios eficazes para operar tal cura em doença tão grave.

NO BRASIL

D. Ester Bárbara de Castro — Fortaleza, diz: — «Tendo minha filha Maria de Castro de submeter-se a uma operação melindrosíssima, pois devido ao estado de fraqueza em que se encontrava, os médicos duvidavam do seu bom resultado, recorri a N.ª S.ª da Fátima para que me valesse e dei à doente por três vezes da água do Santuário. Foi ouvida minha súplica, pois minha filha já está bem e em gozo de perfeita saúde».

D. Luisa Barbosa — Fortaleza, agradece a Nossa Senhora a grande melhoria em sua vista, mediante o uso da água do Santuário e a promessa de publicar a cura.

D. Ana Coelho — Avacati, agradece a N.ª S.ª da Fátima a cura duma enfermidade até então muito rebelde.

D. Leontina Pontes Wanderley — Ceará, diz: — «Adoeceram minhas duas únicas filhas, de terrível doença rebelde a todos os recursos da ciência. Uma delas, de nome Naír, foi acometida de forte acesso, a ponto de ser desenganada pelo médico assistente. No auge da doença recorri a N.ª S.ª da Fátima pedindo o seu valioso amparo, para que me curasse as duas doentes. Como prova do meu reconhecimento, prometi mudar-lhe o nome para o de Maria da Fátima, na ocasião do Crisma se isso me fôsse concedido. Apesar da terrível opinião do médico, logo após a minha promessa começaram a sentir alívios, e passados poucos dias, entravam em franca convalescença. Algum tempo depois foram crismadas, e a que se chamava Naír recebeu o nome de Maria de Fátima. Hoje, as duas, encontram-se perfeitamente bem».

De Fortaleza — Ceará, foi recebida a declaração seguinte: — «Minha filha estava prestes a ser má, e o seu estado de saúde muito me preocupava. Impressionada com os sofrimentos dela, recorri à poderosa intercessão de N.ª S.ª da Fátima, e, no momento da sua maior aflicção, minha filha tomava, às colherzinhas, da água do Santuário da Fátima. Atendida, pois minha filha teve um parto feliz, venho cumprir a promessa de publicar esta graça, agradecendo desta maneira à minha boa Mãe do Céu, o ter ouvido as minhas súplicas. Uma extremosa má!».

(a) *Etelvina Viana de Castro*

JACINTA — o melhor presente para crianças

Vida da pequenina vidente da Fátima de que já se venderam mais de 10.000 exemplares. Pelo correio 6\$00. Leia-o, compre-o e ofereça-o. Pedidos ao Santuário da FÁTIMA ou à Gráfica de LEIRIA

FALA UM MÉDICO

XLVI

“Não me cortes a oliveira”

Quando fui para férias, em princípios de Agosto do ano passado, notei que havia obras no adro da freguesia minhota onde costumo ir descansar. Para ocorrer às despesas, informaram-me, foram vendidas três frondosas oliveiras, que ensombram a modesta igreja que a piedade dos camponeses levantou em princípio do século XVIII.

Não sei se elas seriam plantadas quando se construiu a igreja; mas suponho que, pelo menos, ali estarão desde o princípio do século XIX, ocasião em que estive à frente da arquidiocese de Braga o insigne prelado D. Fr. Caetano Brandão. Como diz a tradição, o grande arcebispo, entre muitas obras notáveis, fomentou, na provincia do Minho, a cultura das oliveiras e das laranjeiras.

Por que razão decidiu a Confraria derrubar as árvores? Afrontavam a igreja, como sucedia com umas frondosas japoneiras, que já tinham sido cortadas pelo pé. Por elas subiam os garotos, para destruir os ninhos de pardais no telhado da igreja. Em vez de castigarem os rapazes, deram cabo das camélias.

Certo dia tive demorada entrevista com os membros da Confraria que dirige a parte administrativa do culto.

Com toda a possível energia, defendi as árvores, mostrando a sua importância na hygiene, na economia e na paisagem.

Mostrei a veneração que o povo tem pelas oliveiras que servem de tema para numerosas canções, tanto amorosas como religiosas.

«Não me cortes a oliveira, nem lhe ponhas o machado: Ela é que dá o azeite p'ra alumiar ao Sagrado.»

A Confraria estava pobríssima: não tinha recursos para as mais elementares necessidades do culto.

A freguesia em péso estava de acôrdo em que as oliveiras fôsem abaixo e já estavam vendidas por determinada quantia.

Pois eu dou mais por elas, com a condição de que não as deitam abaixo, informei eu.

Ficaram de estudar o assunto. Dias depois visitando o adro, notei, com grande satisfação, que, além das três velhas árvores, tinham ali plantado mais duas oliveirinhas.

Adquiri as três oliveiras seculares, com a condição de ficarem no sítio em que foram plantadas. Nunca poderão ser derrubadas sem autorização minha ou dos meus sucessores.

Na minha larga carreira de professor, poucas vezes tenho tido tão grande satisfação por ver a eficácia das minhas lições.

O povo é bom. Se, por vezes, pratica grandes disparates é porque não sabe o que faz.

É preciso ensiná-lo.

P. L.

TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA»

NO MES DE MARÇO

Algarve	5.195
Angra	20.137
Aveiro	6.296
Beja	3.548
Braga	83.892
Bragança	12.116
Coimbra	13.791
Évora	5.078
Funchal	16.147
Guarda	20.878
Lamego	11.617
Leiria	14.814
Lisboa	11.969
Portalegre	10.925
Pôrto	53.937
Vila Real	25.838
Viseu	9.908
Estrangeiro	326.086
Diversos	3.724
Total	10.890
	340.700

O culto de N.ª S.ª da Fátima no estrangeiro

NO CONGO BELGA

Em Matadi o Senhor D. Moisés, Bispo de Angola e Congo, assistiu a uma imponente festa a Nossa Senhora da Fátima, na bela igreja dos Redentoristas belgas.

Assistiram as autoridades belgas, corpo consular e pessoas de maior representação naquela cidade, muitos portugueses que ali se entregam ao comércio e muitos belgas, estando o vasto templo completamente cheio.

O Senhor D. Moisés pregou em português e em francês.

O jornal *La Croix de Provence* insere no seu número de 25 de Fevereiro deste ano um excelente artigo com o título «Os Milagres da Fátima transformaram Portugal».

Acostumados a ver as nossas coisas desprezadas lá fora ou pelo menos ignoradas, registamos com prazer a situação, mudou pelo que diz respeito à Fátima. O artigo faz um bom resumo da história das aparições afirmando que os acontecimentos milagrosos da Fátima são dos mais importantes da História da Igreja, que 70.000 testemunhas em 13 de Outubro de 1917 fornecem uma prova irrefragável da verdade dos factos e que é a eles que se deve atribuir a profunda transformação operada em Portugal no Campo político, moral e religioso.



Imperio — QUALIDADE EXTRA

Crisos — QUALIDADE SUPERIOR

FABRICA TRIUNFO

Não compre um chapéu qualquer!

Procure saber o que compra...



Imperio Crisos Aviz

100 marcas de inteira confiança

FABRICA TRIUNFO
7. JOÃO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:

Lisboa — Camisaria Moderna — Rossio, 110; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284; J. Nunes Corrêa & C.ª, Lda — Rua Augusta, 250; Chapelaria Júlio César dos Santos — Largo do Corpo Santo, 32; Camisa d'Ouro — Praça do Brasil, 15-A; Chapelaria Phoenix — Rua de Alcantara, 43; Marques & Antunes — Rua da Graça, 89; Chapelaria Confiança — Rua da Misericórdia, 145; Grandes Armazens do Chiado. Pôrto — Chapelaria Cassiano A. da Silva — Rua de Cedofeita, 38; Camisaria Confiança — Rua de Santa Catarina; Chapelaria Cassiano — Rua de Cedofeita, 54; Chapelaria Imperial — Rua Mártires da Liberdade, 54-56 e nas principais localidades do país.

PALAVRAS MANSAS

O P.^o GEMELLI

É hoje um sábio de reputação mundial. A psicologia, a criminologia e a medicina não têm segredos para ele, que as conhece mais ainda pela frequência dos laboratórios do que pela leitura dos livros. Como Deus é o Senhor das ciências, professá-las, por mais estranhas que pareçam aos estudos sacerdotais, é sempre seguiu-Lo de mais perto. Nem só as estrelas do céu narram a glória d'Aquela, que, no dizer da Escritura, as chama pelo seu nome...

Foi Pio XI, de tão preclara memória, que houve por bem nomear o P.^o Gemelli reitor da Universidade católica de Milão, que começa a exercer uma influência profunda e salutar na vida religiosa e social da Itália. Rector egregius, como talvez já por lá diga alguma inscrição lapidária. O Papa alpinista, por se ter habituado a ver de muito alto, notava melhor do que ninguém as figuras de acentuado e luminoso relevo...

E a nossa Universidade católica? O P.^o Gemelli devia estranhar a sua falta, por saber, como o cardinal Beaudrillart, que o prestígio da Igreja, neste ou naquele país, depende muito de facultades católicas a competirem em todos ou quasi todos os sectores do ensino superior, com as escolas do Estado.

A Universidade de Coimbra, diga-se de passagem, ficou lastimavelmente mutilada com a supressão da faculdade de Teologia, fundação do infante D. Henrique, que pela vida fora, não amou apenas a luz das estrelas de Sogres...

Para onde quer que vá, o P.^o Gemelli veste sempre o seu hábito de menor observante, cingido por um rude cordão de esparto, donde pendem um grosso rosário, que vai de conta em conta até à cruz. Usa também sandálias, que simbolizam a humildade e a renúncia a caminhar de mãos dadas, como no tempo de S. Francisco, pelas encostas da Umbria... A aliança da ciência com a fé fica assim no P.^o Gemelli mais impressionantemente acentuada.

Já não sei em que revista ilustrada, vi há tempos um grupo de sábios, que saíam do Vaticano depois de uma visita de homenagem a Sua Santidade Pio XI. Pois bem; lá estava, no meio deles, o Reitor Magnífico da Universidade Católica de Milão, atencioso e sorridente, com o seu hábito de religioso da Ordem de S. Francisco.

Quando o P.^o Mareux do observatório de Bruges, aparece nos congressos de astronomia, com o seu hábito talar, os congressistas, que ouvem sempre com o maior interesse as suas comunicações, dizem que ele é o capelão do sol. Para os sábios que se reúnem com o P.^o Gemelli nos academias e nos congressos, ele deve ser também um eminente capelão da ciência contemporânea.

A fisionomia do P.^o Gemelli, um tanto ou quanto dura, marcadamente romana, é afirmativa, energética, dominadora. Parece que foi vasada em moldes cesarianos. Num dos museus destinados a recolher os destroços da antiguidade clássica, deve encontrar-se facilmente uma cabeça igual, esculpida em mármore de patine milenária...

A voz forte e nítida para todos os que a escutam é, ao mesmo tempo, de ensino e de comando.

O gesto está só na mão direita. O braço alonga-se com vigor e decisão, e a mão, que prolonga e estiliza a palavra fluente, chama, move, impõe, orienta, domina, protege e abençoa... A fulguração do olhar, posto que contida pelos vidros da miopia, ainda consegue iluminá-la, torná-la mais expressiva...

A mão esquerda sempre unida ao cordão, que cinge o hábito, não se move, mas como que serve de apoio ao gesto da direita. Não é a oratória, é a caridade, na prática da escola, que torna as mãos desentendidas, imensamente distantes...

Ouvi ainda três ovintres qualificadas da oração fúnebre do professor Lima, o Lemos, proferida por

Aires de Gouveia na Sé Nova de Coimbra em 1879. Em todos três a mesma impressão de assombro. No púlpito, dizia um deles, o Dr. Henriques da Silva, figura-se-me que jamais alguém poderá subir mais alto.

Durante o exórdio, Aires de Gouveia gesticulou apenas com a mão direita. A esquerda apanhava, com uma elegância impecável, as dobras do crepe talar. Exposição lenta e grave...

Findo o exórdio, a mão desprendeu o crepe, e começou logo a tornar a acção oratória mais viva e mais empolgante. Demorou-se um pouco, talvez por saber que todos esperavam por ela...

O P.^o Gemelli, durante todo o discurso, só move a mão direita. Gesto que aponta um caminho, gesto de doutrina em marcha, gesto que se prolonga numa intenção ecuménica...

Gostei muito de ouvir o reitor da Universidade católica de Milão falar a estudantes católicos dos seus deveres na hora grave que passo, deveres que só poderão cumprir integralmente retemperando a alma em flor na graça dos sacramentos. Pode servir-lhes de exemplo a juventude italiana, crente, forte, disciplinada, pronta a servir a Igreja e a pátria, através de todos os riscos. Legião mais que promettedora, invencível contra o comunismo invasor.

Ficou-me do P.^o Gemelli esta impressão fugidia...

Correia Pinto

O GATINHO

Uma criança de 6 anos tinha acompanhado a mãe numa visita aos pobres; e viu lá um pequeno esfarapado, da sua idade.

Lá, sobretudo duas coisas o impressionaram: o não ver no quarto vazio, nenhuma cama para o pequeno, nem brinquedos.

— Mãe diz, é ao entrar, se a mãe mandasse a minha cama ao pobrezinho, parecia-me que o Menino Jesus ficava contente.

— E tu? replicou a mãe. — Eu, disse ele com um sorriso de satisfação, dormirei consigo, na cama grande.

— Assim, meu anjo, ganhavas com a troca e o Menino Jesus só fica contente quando temos de nos privar.

A criança pôs-se a pensar!... Passado algum tempo vem ter com a mãe e diz-lhe:

— Mãe, e se tu mandasses os meus brinquedos ao pobrezinho?

E pôs diante dela todos os seus brinquedos, excepto um, um gatinho que miava quando lhe apertavam o pescoço.

Em resposta diz-lhe a mãe: — Vem cá, quero dar-te um abraço por seres bom. E mandou tudo aquilo ao menino pobre.

No dia seguinte, diz à mãe o pequeno com um sorriso de alegria e contentamento:

— A esta hora deve o pobrezinho estar a divertir-se com os seus brinquedos.

E então veio à mãe uma sublime inspiração: — Pois sim mas falta-lhe lá o gatinho que mia.

O pequeno olhou a mãe com os olhos muito abertos e foi-se embora a pensar. Trouxe o gato, olhou-o longamente, fêz-lhe umas festas (havia uma grande luta naquele coração, um duro combate naquela alma infantil). Veio, e lentamente, quasi com um soluço, entrega o gatinho à mãe e diz-lhe:

— Mande-o ao pobrezinho. Creio que o Menino Jesus ficará muito contente.

Com o gesto de uma santa, a mãe apertou com força, de encontro ao coração o anjo que Deus lhe dera e nada soube responder, chorava.

Não foi um simples acto de caridade que ela acabava de presenciar em seu filho, mas um autêntico heroísmo.

O culto da Mãe de Deus em Portugal

por BERTHA LEITE

Podemos bem dizer que em Portugal a devoção à Virgem Santíssima é nata no Povo.

Ela tem vindo através dos séculos a embelezar a Vida Nacional e a inspirar os seus Heróis obscuros ou consagrados. Assim, os primeiros cristãos que combateram pela independência do Condado portugalense directa ou indirectamente na sua obra de pura rechristianização, era a Mãe de Jesus que invocavam, colocando à sua guarda as terras tomadas aos infiéis e denominadas de «Santa Maria».

Posteriormente ao culto que tributaram a Nossa Senhora os primeiros reis de Portugal, — D. João I foi à mesericórdia da Virgem que recorreu no perigoso transe da ameaça castelhana, louvando-a depois pela graça de Aljubarrota, com a magnífica construção do Mosteiro da Batalha, a que o Santo Condestável replicou com a fundação do convento do Carmo em Lisboa.

O culto à Virgem Maria foi o berço em que se embalsamaram os Santos obscuros, os religiosos que se escondiam de si próprios, (num maior desejo de penitência e humildade) e, todos de Portugal emfim.

Grandes almas floriram dêsse culto no jardim abençoado da nossa Pátria.

Portugal venceu o domínio Castelhano porque o auxílio da Rainha dos Céus tornou possível a data de 1640.

E, — é este de-certo o ponto culminante da nossa devoção à Virgem — antes que a crença da Imaculada Conceição, fosse definida pela Bulla «Ineffabilis» do Santo Padre Pio IX, em 8 de Dezembro de 1854; já El-Rei D. João IV a proclamara Padroeira do Reino por Provisão de 25 de Março de 1646.

Ordenou que se lhe prestasse culto permanente.

Deu-lhe tributo anual de 50 cruzados de ouro. E impôs aos estudantes da Universidade de Coimbra, que defendessem a Imaculada Conceição, antes de prestarem qualquer prova de exames.

Numa época atribulada em que os dirigentes da Nação prescindiram ou simularam prescindir, por conveniências políticas, do auxílio da Mãe de Deus, mostrou o povo que nunca Portugal saberia dispensá-lo.

E a revelação da Fátima deu-se esplendorosa, sublime, invencível. Fátima foi a reafirmação da vida nacional perante a vaga de estrangeirismo que nos quis estragar tudo, desde a língua aos trajes regionais, às cantigas, costumes e consciências nobres e heróicas.

Fátima foi o grito de alarme e o desafio ao mundo e às sociedades dissolvidas, convidando-os a regressar aos seus domínios longínquos e a deixar Portugal «pobrezinho mas honradinho» segundo o ditado popular com que o mesmo povo faz o sinal da Cruz às tentações do inimigo vindas dos delírios das grandezas efémeras!

E, nesta hora pungente de guerras, Fátima atesta na sua Paz o renascimento de Portugal numa lição transcendente e simples de que é ainda possível que as outras nações aproveitem em qualquer momento de milagrosa contrição.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Este número foi visado pela Censura

Crónica Financeira

Jorge Lakhovsky é um sábio francês dos nossos dias que tem gasto o seu tempo e dinheiro (é sábio milionário, que é exemplar tão raro como milionário... sábio) aplicando as ondas curtas à cura do cancro, em que tem feito maravilhas. Daqui não vá concluir o leitor muito pressado que J. Lakhovsky é médico, porque tem estudos e formação muito diferente pois é engenheiro electricista, embora não exerça essa profissão. Pois J. Lakhovsky publicou uma obra sobre longevidade que acabou de ler com grande proveito e prazer espiritual («Longévité, l'art de vivre vieux sans souffrir»). É Lakhovsky de opinião, como muitos outros homens de ciência da mais alta categoria (Alexis Carrel por exemplo), que a cultura física não contribui para aumentar a longevidade. Pelo contrário, por mais extraordinário que isso pareça, quasi todos os campeões do atletismo morrem jovens. A duração da vida não depende da rijeza do músculo, nem tão pouco da beleza das formas. A longevidade depende evidentemente da higiene física com que se vive. Mas para satisfazer aos preceitos da higiene no que respeita à cultura física, diz Lakhovsky que bastam cinco minutos de manhã e outros cinco à tarde de ginástica respiratória (seja ela qual for) e uma ou duas horas diárias de passeio a pé.

Neste particular já há muitos anos que vimos praticando o conselho de Lakhovsky, não com matemático rigor, mas com suficiente regularidade. E preferimos esta forma de exercício, justamente pelas mesmas razões que Lakhovsky apresenta: por ser exercício excelente para o físico e ainda por ser óptimo para o trabalho mental. A melhor forma de amadurecer um pensamento é illo ruminando durante um largo passeio por montes e vales.

Claro que isto para quem trabalha com a cabeça, intelectuais ou empregados de escritório, que para os outros basta o exercício que fazem nos seus mesteres. «O operário que trabalha normalmente e sem fadiga, o camponês que cultiva a terra, a mulher que faz a comida e arruma a casa, exercitam metódicamente os seus diversos músculos e asseguram o equilíbrio físico do seu corpo» diz Lakhovsky. Tudo que vá muito além disto, é erro. «Para re-

sumir, acrescenta Lakhovsky, os desportos tão gabados e para cujo desenvolvimento tantos esforços se têm feito, são na realidade contrários à saúde e à longevidade».

Segundo este mesmo sábio investigador, o que mais importa à saúde física e à longevidade, é a cultura religiosa. Não há nada que mais corra a saúde do que a maldade. O malvado, o invejoso, o turbulento, o ateu, morrem quasi sempre novos, raras vezes passando dos 66 anos. Os fundadores do racionalismo ateu morreram todos novos, diz Lakhovsky: Holbach, morreu com 66 anos; Fichte, com 52; Saint-Simon, com 65; Hegel, com 61; Fourier, com 65; A. Conte, com 55; Proudhon, com 56; Karl Marx, com 65; Hill Green, com 46; Nietzsche, com 66; Sembat, com 60; Lenine com 54.

Pelo contrário, os grandes sábios da Igreja e do espiritualismo têm morrido de idade muito avançada: Platão, com 81 anos; S.^{to} Agostinho, com 76; S.^{to} Anselmo, com 86; Bossuet, com 77 (o nosso grande P.^o António Vieira, com 89); Leão XIII, com 93; Pio IX com 86; e o grande sábio Branly que ainda ensina no Instituto Católico de Paris, anda já nos 96 anos! (1) Isto para não falar em S.^{to} Antão que morreu com 105 anos; São Simão com 107, Paulo o Eremita que morreu com 113; o Venerável Albano, bispo da Etiópia que morreu com 150 e São Narciso que chegou a nada menos de 165 anos!

Argumento ainda mais forte do que o que resulta destes casos que Lakhovsky cita acerca da influência da fé na longevidade, é dado pelas estatísticas italianas de 1936. Havia nesse ano em Itália 17.403 pessoas com mais de 90 anos. Pois neste venerando grupo, as mulheres estão em enorme maioria: 10.554 contra 6.751 homens. A que atribuir este facto? Responde Lakhovsky, é que há nas mulheres muito mais fé do que nos homens.

A fé é indispensável para viver felizes e dilatados anos, porque sem fé não pode haver optimismo, sem optimismo não haverá alegria que é a mãe da saúde do corpo e do espírito.

Pacheco de Amorim

N. da R. — Branly faleceu no dia 24 de março depois de escrito este artigo.

Voz da Fátima

Table with 2 columns: Despesa and Amount. Includes items like Transporte, Franquias, Papel, etc.

Table with 2 columns: Donativos desde 15\$00 and Amount. Lists names and donation amounts.

1 dólar; Joaquina Martins — América, 1 dólar; Maria Dias — América, 1 dólar; Beatriz Tavares — Aldeia da Mata, 20\$00; Maria Josefina Coimbra — C. de Besteiros, 30\$00; Hermínia Noronha — Ribeira da Pena, 20\$00; José de Melo — América, 1 dólar; Adelaide Days — América, 1 dólar; Maria Almeida Gouveia — V.ª N.ª de Tazem, 125\$00; Francisca C. Silva — Benavente, 20\$00; Maria C. Cordeiro — Califórnia, 15\$00; Isabel Oliveira — Paíol, 20\$00; Tecla da B. Hora — Paíol, 20\$00; Luisa Ribeiro Almeida — Paíol, 30\$00; Júlia Amaral — Açores, 20\$00; Maria C. Mata — Veiros, 20\$00; Maria Corina Ferrão — Vila Chã, 120\$00; Serafina S. Nunes — Califórnia, 2 dólares; M.ª Pamplona Nunes — Açores, 25\$00; P.ª Manuel S. Andrade — Madeira, 35\$00; Mariana da Conceição — Arruda dos Vinhos, 15\$00; João S. Freire — Coimbra, 40\$00; Abílio B. Dias — Alfena, 20\$00; Josefina do Vale — Tomar, 20\$00; P.ª Joseph Porto — Califórnia, 1 dólar; Dr. João Canavaro — Lisboa, 20\$00; Maria P. Macedo — Califórnia, 1 dólar; Carmen Barbosa — S. Gens, 20\$00; José Freitas Lima — Mascoteles, 20\$00; Maria Emília Póvoas — Mangualde, 20\$00; P.ª Domingos Fragoso — Fortaleza-Brasil, 60\$00.